

ESTADOS UNIDOS

Contagem regressiva para o Irã

Com uma "armada maciça" tomando posição no Golfo Pérsico, Trump volta a ameaçar o regime islâmico com um ataque "muito pior" que os bombardeios de 2025. Teerã condena a "escalada militar" e se diz "pronto" para revidar

Foram algumas poucas semanas de alívio, mas, ontem, o presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, voltou a colocar na alça de mira o regime islâmico do Irã. No dia seguinte à chegada, ao Golfo Pérsico, do porta-aviões USS Abraham Lincoln, com seu grupo de combate, a Casa Branca anunciou que está a caminho da região "uma armada maciça", que estaria em deslocamento "com rapidez, muito poderio, entusiasmo e propósito". A ameaça se segue a garantias, feitas no início do mês para manifestantes de oposição, de que Washington se dispõe a dar apoio aos que lutam para superar o regime dos aiatolás.

"Esperamos que o Irã se sente em breve à mesa para negociar um acordo justo e equitativo para todas as partes", escreveu Trump em sua rede social, a Truth Social. "Armas nucleares não", completou, em referência à acusação, partilhada pelos EUA com outros governos ocidentais e com organismos multilaterais de controle dos armamentos atômicos, de que o regime islâmico estaria a caminho de produzir seus primeiros artefatos.

"O tempo se esgota", acrescentou Trump, mencionando os bombardeios dos EUA contra instalações nucleares iranianas, em junho do ano passado. "O próximo (ataque) será muito pior, não nos obriguem a repeti-lo", advertiu. O presidente fez questão de ressaltar que deslocou para o Golfo Pérsico uma força de escala maior que a empregada há alguns meses, no Mar do Caribe, para pressionar o regime chavista da Venezuela — culminando com a captura do presidente Nicolás Maduro. "Ela está pronta, disposta e capacitada para cumprir sua missão, com rapidez e com violência, se necessário", reforçou.

Protestos

A nova escalada se segue a uma breve distensão vivida após a ameaça de Trump de atacar o regime islâmico em resposta à feroz repressão imposta a uma onda de manifestações que começaram com o protesto contra a disparada da inflação, mas que logo assumiram um viés frontalmente contrário aos aiatolás. O ímpeto dos opositores cedeu, mas ontem mesmo a Agência de Notícias



Cartaz denuncia os "crimes britânicos" contra o Irã, durante manifestação organizada por partidários do regime islâmico, em Teerã



O próximo (ataque) será muito pior, não nos obriguem a repeti-lo

Donald Trump,
presidente dos EUA

dos Ativistas pelos Direitos Humanos (HRANA), organização sediada nos EUA, confirmou que os distúrbios deixaram ao menos 6.301 mortos, entre eles 5.925 manifestantes. As autoridades de Teerã fizeram um balanço que registra 3.100 mortes, na maioria definidas como "civis inocentes" e integrantes das forças de segurança.

Antes mesmo das novas manifestações de Trump, o governo de Teerã havia reagido com firmeza à notícia da chegada, ao Golfo Pérsico, do USS Abraham Lincoln com



Aiatolá Khamenei: Líder supremo promete "resposta inédita" aos EUA



Conduzir a diplomacia por meio de ameaças militares é algo que não pode ser útil nem eficaz

Abba Araghchi,
chanceler do Irã

seu grupo de combate — no total, mais de 10 embarcações, entre unidades de ataque, propriamente ditas, e navios de apoio. "Conduzir a diplomacia por meio de ameaças militares é algo que não pode ser útil nem eficaz", afirmou o

chanceler Abbas Araghchi. "Se eles (os EUA) querem que algum processo de negociação tome corpo, devem deixar de lado as ameaças e as exigências excessivas, bem como a apresentação de demandas iracionais."

Paralelamente, a missão permanente do Irã perante as Nações Unidas advertiu, em sua conta na rede social X, que o país "responderá como nunca" caso seja atacado. A mensagem retomou as ameaças feitas em resposta ao ultimato de Trump para que fosse contida a violenta repressão aos protestos que se espalharam pelo país nas últimas semanas. Na ocasião, o regime islâmico indicou que bases militares norte-americanas na região seriam consideradas "alvos legítimos".



Agents do ICE em ação em Minneapolis: retirada em andamento

no local a Patrulha de Fronteira, Gregory Bovino, e enviou em seu lugar o "czar das fronteiras", Tom Homan. Depois, anunciou a retirada paulatina dos efetivos do ICE.

Ontem, foram afastados dois agentes que fizeram, ao todo, dez disparos contra o enfermeiro Alex Pretti, após ele ter sido imobilizado no chão. "Eles estão suspensos de suas funções. Trata-se de um protocolo padrão", disse um porta-voz do ICE. A crise da imigração, que projeta sombras no início das articulações e campanhas para as cruciais eleições legislativas de novembro, é acompanhada de perto também pelos aliados tradicionais de Washington no exterior. "O que tenho visto é, obviamente, preocupante", comentou o primeiro-ministro do Reino Unido, Keir Starmer. O chanceler (chefe de governo) da Alemanha, Friedrich Merz, classificou o "nível de violência" política e social nos EUA como "alarmante".

Trump volta a atacar prefeito

» Rock de protesto

Dias depois de ter baixado o tom dos ataques verbais às autoridades democratas de Minneapolis, palco de uma onda de protestos contra o assassinato de cidadãos norte-americanos pela força de choque antimigração, Donald Trump voltou ontem a ameaçar o prefeito Jacob Frey, crítico frontal da política de perseguição e deportação sumária de estrangeiros, implantada pelo presidente em seu novo mandato. Em sua plataforma, a Truth Social, Trump advertiu o adversário que está "brincando com fogo" ao insistir na resistência contra a ofensiva do governo federal.

Na véspera, Frey havia prometido, uma vez mais, que sua administração "não aplica e não aplicará" as normas federais sobre imigração. "Será que alguém de seu círculo íntimo poderia explicar a ele que essa declaração constitui uma violação gravíssima da lei, e que ele está brincando com fogo?", perguntou o presidente. O prefeito, porém, não parece ter se sentido

intimidado pela ameaça. "O trabalho da nossa polícia é garantir a segurança dos cidadãos, não fazer cumprir as leis federais de imigração", escreveu em sua conta na rede social X.

Minneapolis, principal cida-

do do estado de Minnesota, com

400 mil habitantes, assistiu a uma sucessão de protestos e confrontos desde o início do ano, quando Trump enviou para lá um contingente da força de choque antimigração conhecida pela sigla ICE (que, em inglês, é pronunciada como a palavra "gelo"). Os agentes

tinham como alvo um suposto esquema de fraude envolvendo imigrantes originários da Somália, mas no dia 7 mataram a tiros a cidadã norte-americana Renee Good, a quem acusaram de ameaçá-los com seu carro.

O episódio deu origem a manifestações que culminaram, no último sábado, com o assassinato de um enfermeiro intensivista que participava de um protesto. Alex Pretti foi acusado de ter apontado uma arma para os agentes, mas imagens feitas por testemunhas atestam

que ele portava um telefone celular e filmava a ação repressiva.

Inicialmente, Trump endossou a versão do ICE e responsabilizou pelas mortes o prefeito de Minneapolis e o governador de Minnesota, Tim Walz, ambos da oposição democrata, a quem acusou de promover "o caos e a violência". Diante das repercuções, porém, o presidente ensaiou um recuo a partir de segunda-feira. Conversou com ambos por telefone, retirou da cidade o oficial que comandava